



Remâncio Monte,

Crypto Legends (2021).

Fonte: @cryptolegends_nft

ARTE E DECOLONIZAÇÃO ALGORÍTMICA

LILIAN CRISTINA MONTEIRO FRANÇA – ABCA/SERGIPE

RESUMO: Este artigo pretende analisar a criptoarte como possibilidade de resistência à colonização algorítmica, nova forma de dominação baseada na captura, datificação e plataformação de dados. Autores como Fanon, Kester, Couldry e Mejias discutem as formas de opressão dentro do chamado pós-colonialismo e fornecem as bases para se pensar a representatividade algorítmica. Criptoartistas nacionais e internacionais subvertem ferramentas tecnológicas, ocupam espaços digitais com narrativas marginalizadas e enfrentam o apagamento de vozes dissidentes, reivindicando autonomia e representatividade no cenário digital contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Criptoarte; decolonização algorítmica; resistência digital.

ABSTRACT: This article aims to analyze cryptoart as a potential form of resistance to algorithmic colonization, a new form of domination based on the capture, datafication, and platformization of data. Authors such as Fanon, Kester, Couldry, and Mejias discuss forms of oppression within the framework of so-called postcolonialism and provide the basis for thinking about algorithmic representativity. National and international crypto artists subvert technological tools, occupy digital spaces with marginalized narratives, and confront the erasure of dissenting voices, claiming autonomy and representativity in the contemporary digital landscape.

KEYWORDS: Cryptoart; algorithmic decolonization; digital resistance.

O conceito de colonização algorítmica é aplicado a uma forma de ação coercitiva apoiada na extração, datificação, plataformização de dados, criando campos de controle e dominação ainda mais assimétricos.

Autores como Couldry e Mejias (2019) estão entre os pioneiros a discutir o “custo da conexão”, apresentando, logo no primeiro parágrafo do Prefácio de sua obra, um exemplo que trata do contexto brasileiro, mais especificamente das tribos Bororo:

O poste telegráfico, a cruz cristã e o rifle chegaram todos de uma vez para o povo Bororo do Mato Grosso. O rifle do soldado e do colono serviu para tomar as terras dos Bororo em nome da indústria e do progresso, a cruz os “pacificou” e “civilizou”, e o telégrafo os integrou ao resto da recém-conectada república brasileira em meados do século XIX. Alguns Bororo vestiram roupas ocidentais e se mudaram de moradias comunitárias para casas unifamiliares, como os padres lhes disseram para fazer. Eles aprenderam a língua dos

colonos e foram colocados para trabalhar na construção da rede telegráfica nacional. (Couldry e Mejias, 2019, p. ix).¹

O exemplo fornece elementos para se pensar as bases de um processo de colonização, como vai sendo construída a rede que impõe práticas culturais voltadas para a desconstrução das estruturas existentes; mas os autores apontam para mudanças profundas nas formas de ressignificação, mostrando como, atualmente, os algoritmos que controlam quase todos os segmentos da vida social podem ser ainda mais opressores.

O acúmulo de dados, públicos e pessoais, foi ampliado a partir da década de 1980 e, desde então, assumiu um grau de complexidade que passa pelas Big Techs, pela Internet das Coisas, pelos sistemas de saúde, compras online, bancos, logística, criando uma rede de captura, armazenamento e cruzamento de informações.

Acessar um site depende de aceitar pelo menos os *cookies* necessários, às vezes é necessário permitir acesso às contas pessoais e, com

as Inteligências Artificiais (IAs), ubiquamente instaladas, cada toque é imediatamente adicionado à nuvem.

Esse constante processo de colonização pelos dados atravessa a produção artística, uma vez que não está isenta da criação de subalternidades metafóricas ligadas a uma ideologia do Vale do Silício, como pensam Couldry e Mejias (2019), enfatizando que, nesse caso, o exercício do poder é altamente distintivo.

Tal premissa foi trabalhada por Fanon (2022), um dos precursores de um pensamento pós-colonial, indicando que a superação das dicotomias civilizado x bárbaro, colonizador x colonizado, só poderia experimentar alguma evolução com embates tão duros quanto aqueles travados à baioneta.

Cientes desse processo doloroso, Couldry e Mejias (2019) chamam de *data relations* as relações humanas baseadas em dados, quando toda e qualquer atividade, não importa qual, gera conjuntos de dados capturáveis.

Como a arte poderia, então, oferecer algum tipo de enfrentamento a este colonialismo digital?

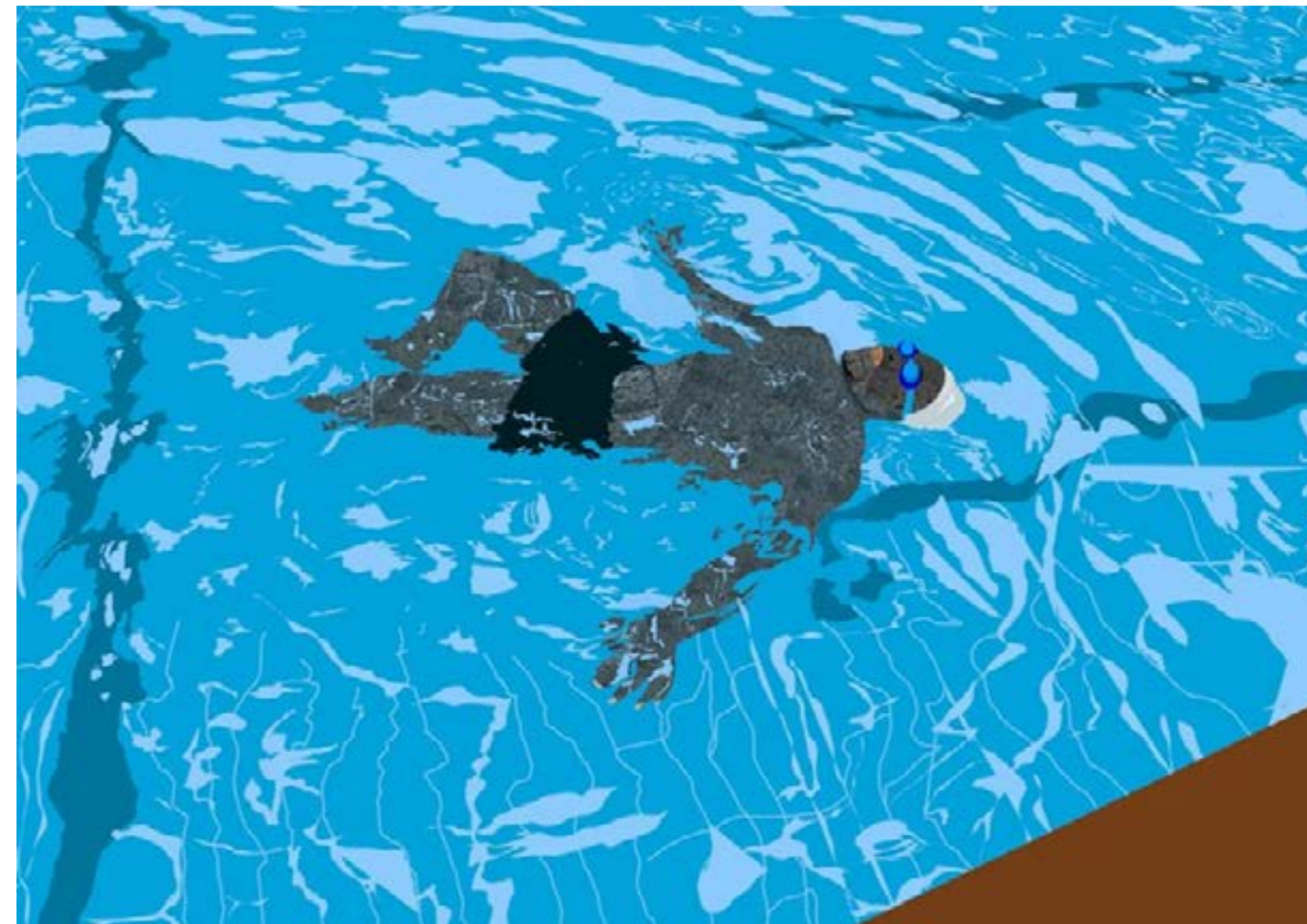


Figura 1:
Osinachi,
Man in a pool III
(2022).
Fonte: Christie's

Prince Jacon Osinachi Igwe, ou Osinachi, artista nigeriano, transformou o Word, da Microsoft, em um meio de expressão visual: “O que tenho feito ao longo dos anos é me esforçar para me aprofundar e ver o que consigo alcançar com essa ferramenta de processamento de texto”, revela o artista.

Seu trabalho tem sido descrito pela crítica internacional como engajadamente provocativo, abordando temas como política, gênero, tradição e raça, fomentando questionamentos e debates.

O uso não convencional de softwares por artistas não é uma iniciativa nova. No Brasil, Waldemar Cordeiro e Giorgio Moscati, este último, engenheiro e professor do Departamento de Física da USP, foram os pioneiros a produzir obras visuais por meio de um computador, como foi o caso de *Derivadas de uma imagem*, 1969 (Figura 2).

Diversas iniciativas vêm marcando essa resistência à colonização algorítmica. Em 2023, a exposição “DYOR (Do Your Own Research)”, que

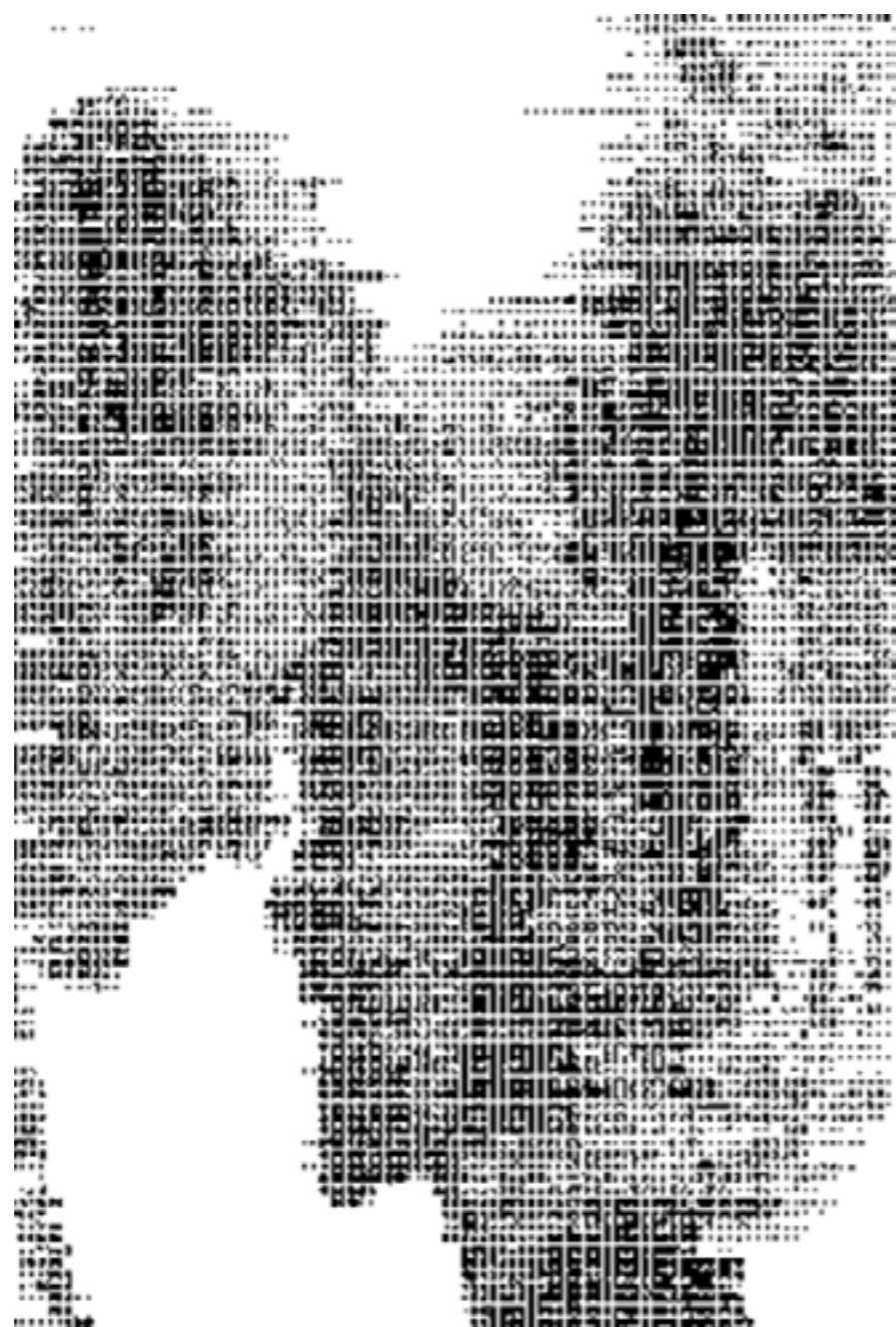


Figura 2:
Waldemar Cordeiro e
Giorgio Moscati,
Derivadas de uma imagem
(1969).
Fonte: Revista *Leonardo*

aconteceu no Kunsthalle Zürich, Suíça, curada por Nina Roehrs, reuniu obras ligadas ao universo cripto, discutindo os espaços NFT (*non-fungible token*) e *blockchain* para a arte e questões ligadas à propriedade intelectual, reprodutibilidade e valor, oferecendo uma visão ampla sobre o que está envolvido nesse tipo de produção.

Segundo a socióloga Ruha Benjamin (2019):

É certamente verdade que a discriminação algorítmica é apenas uma faceta de um fenômeno muito mais amplo, no qual o próprio significado de ser humano é posto em questão. O que significam “livre-arbítrio” e “autonomia” em um mundo no qual algoritmos nos rastreiam, preveem e nos persuadem a cada passo? O historiador Yuval Noah Harari alerta que a tecnologia nos conhece melhor do que nós mesmos e que “estamos enfrentando não apenas uma crise tecnológica, mas também uma crise filosófica”. Esta é uma indústria com acesso a

dados e capital que supera o das nações soberanas, colocando até mesmo essa soberania em questão quando tais tecnologias se valem da ciência da persuasão para rastrear, viciar e manipular o público. Estamos falando de uma redefinição da identidade humana, da autonomia, dos direitos constitucionais fundamentais e

dos princípios democráticos em sentido mais amplo (Benjamin, 2019, p. 31).²

O enfrentamento dessa situação encontra-se nas obras de Winnie Soon e Cornelia Sollfrank. *Soon*, com *Unerasable Characters Series* (2023) (Figura 3), mereceu o seguinte comentário:

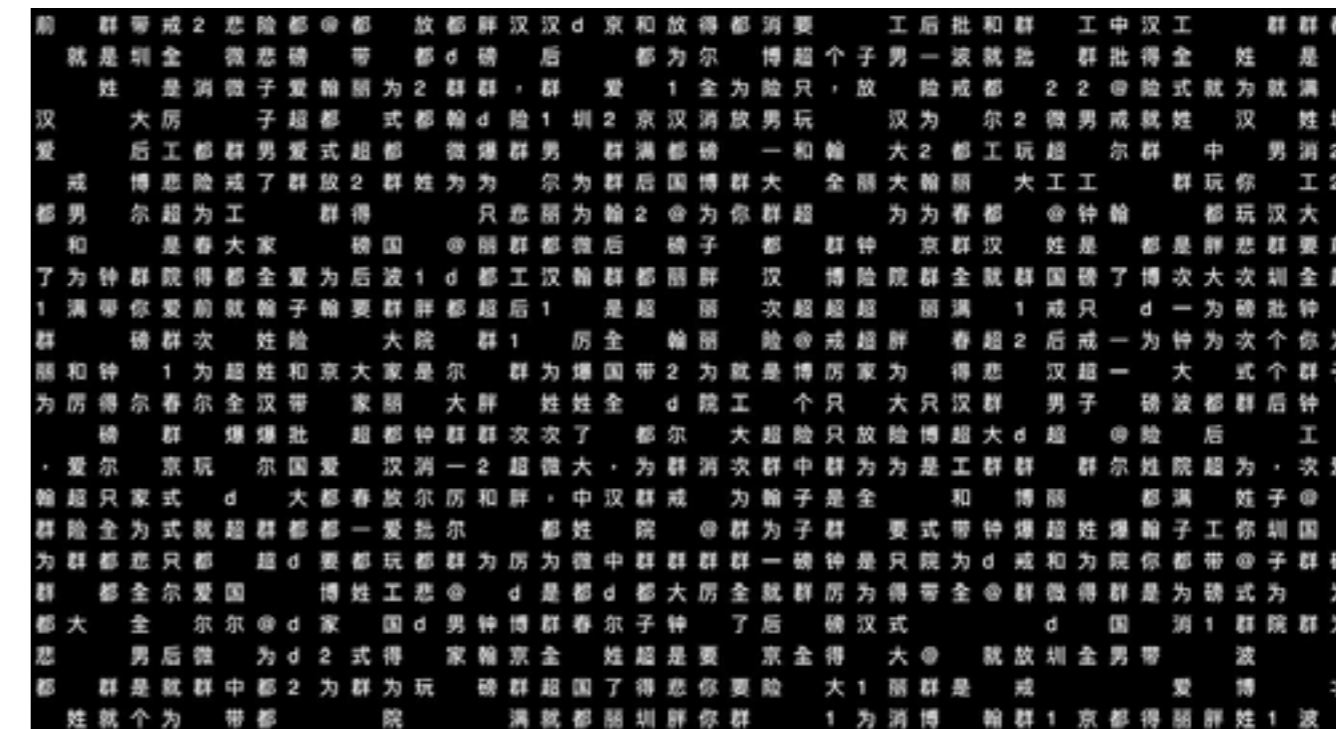


Figura 3. Winnie Soon, *Unerasable Characters Series* (2023). Fonte: *Ars Elettronica*

Embora a obra de Soon sirva como um comentário severo sobre o papel crescente da infraestrutura de vigilância digital automatizada e generalizada no controle e apagamento de vozes dissidentes, ela também destaca a oportunidade criada pela combinação de “migalhas de pão” digitais e técnicas algorítmicas (Ars Elettronica, 2023, online).³

Os trabalhos de Cornelia Sollfrank contribuem igualmente para a discussão acerca da opressão algorítmica. Em *Female Extension* (1997), um marco para o ciberfeminismo, a autora criou 288 perfis de artistas fictícias, todas com endereço e e-mail, e gerou, automaticamente, para 127 delas, portfólios digitais a partir da recombinação de páginas em HTML da internet. A iniciativa se deu no âmbito de um concurso promovido pela *Art Net* da Hamburger Kunsthalle e, mesmo com as mulheres representando dois terços dos artistas inscritos, todos os prêmios em dinheiro foram atribuídos a artistas homens. Somente após a premiação, a artista informou

aos dirigentes do prêmio a sua ação.

Os trabalhos de Soon e Sollfrank compuseram a exposição “Antagonistas: Resistências Algorítmicas”, no Museu de Arte Contemporânea da USP - MAC/USP, com a curadoria de Bruno Moreschi, Gabriel Pereira e Heloísa Espada. Na apresentação, encontra-se a seguinte justificativa:

Estamos num momento em que as promessas da Inteligência Artificial estão rapidamente capturando a imaginação coletiva. O discurso de empresas e governos foca nos potenciais sem precedentes de uma revolução tecnológica. O debate público sobre as tecnologias algorítmicas segue marcado por um presentismo aterrador: ignora como chegamos aqui e como estamos esculpindo o futuro com nossas decisões. [...] As obras apresentadas questionam as ideias de alta e baixa tecnologia, da eficiência e do erro, do arquivamento e do apagamento. Algumas são constituídas por softwares obsoletos e espremedores de

fruta, outras criam plataformas inovadoras. A conservação de tecnologias que são vistas como ultrapassadas se torna ato político: artistas reparam códigos e coletam dados faltantes. (MAC-USP, 2023, online).

A citação dos curadores se justifica pela direta relação entre a arte e a resistência à colonização algorítmica e a sua contextualização no Brasil.

Segundo França (2025), os criptoartistas brasileiros têm se mostrado insurgentes e voltados a ampliar a representatividade algorítmica, engajando-se em projetos inclusivos, criando espaços de ensino e suporte para a entrada de jovens no universo da criptoarte.

Vejamos um exemplo: em 2022, a Tropix DAO em parceria com o Mercado Bitcoin criou o “Projeto de Gestão e Vigilância Territorial do Povo Indígena Paiter Suruí”, destinando cerca de 95% da receita com leilões de NFTs diretamente para a população indígena de Rondônia. Com o resultado dos leilões, adquirem drones e criam infraestrutura de monitoramento

da reserva Terra Indígena Sete de Setembro, que possui um total de 280 mil hectares, 13 mil hectares destes com área monitorada. Entre os criptoartistas que participaram do projeto estão Barbara Parawara, Moara Tupinambá e Paula Klien (Figura 4).

Um *drop* como esse enseja uma integração do criptoartista ao cenário de lutas dos povos originais através de uma arte ativista, voltada para superar a invisibilidade digital e atrair mais recursos para as causas mais urgentes.

Kester (2018) analisou a arte ativista, apontando dois tipos de resistência: o desafio à pureza estética (ao ideal modernista de uma arte autônoma separada da realidade) e o desafio às fronteiras disciplinares produzindo antes



Figura 4. Barbara Parawara, Moara Tupinambá e Paula Klien. Fonte: Tropix



efeitos sociais do que produtos museológicos. Essa estética ideológica de que trata Kester (2018) pode ser vista, a nosso ver, nos trabalhos de Remâncio Monte, que criou os *Crypto Legends* (Figura 5), personagens inspirados no folclore brasileiro e em espécies em extinção, divulgando-os internacionalmente: “É muito gostoso ler e entender a história de cada personagem. Principalmente quem mora no outro lado do mundo, que não conhecia as lendas, acaba sendo bem curioso tudo isso. Então, usando algumas dessas

táticas de *marketing*, eu acabei atraindo um pouco a atenção desse povo”, informa Monte, explicando a estratégia que usou para vencer o algoritmo.

Atuando dentro dessa perspectiva de resistência, o criptoartista Francisco Barreto trava esse enfrentamento em sua produção intitulada *Espada do futuro* (Figura 6), uma instalação imersiva que faz o algoritmo trabalhar a favor da causa afrodiaspórica: “Ao interagir, padrões geométricos que são inspirados nas ricas tradições artísticas africanas ganham vida e são projetados em um túnel, mergulhando os espectadores em uma viagem caleidoscópica”, explica Barreto.

Diante do cenário exposto, a arte se revela não apenas como campo de expressão estética, mas como território de resistência política frente à colonização algorítmica. Os artistas aqui abordados - Osinachi, Winnie Soon, Cornelia Sollfrank, Barbara Parawara, Moara Tupinambá, Paula Klien, Remâncio Monte e



Figura 6. *Espada do futuro*, Francisco Barreto (2023). Fonte: MAC/UFBA

Francisco Barreto - demonstram que é possível subverter as ferramentas tecnológicas, ressignificando seus usos e enfrentando as assimetrias impostas pelas grandes corporações de dados. Seja pelo emprego não convencional de softwares, pela criação de narrativas contra-hegemônicas ou pela apropriação de tecnologias *blockchain* em prol de causas indígenas e afrodiaspóricas, essas práticas artísticas apontam caminhos para uma decolonização algorítmica possível. Não se trata, evidentemente, de um embate nos mesmos termos propostos por Fanon (2022), mas de uma luta simbólica e concreta que, ao questionar os mecanismos de vigilância, extração de dados e apagamento de vozes dissidentes, reivindica autonomia, representatividade e novos imaginários para o futuro digital.

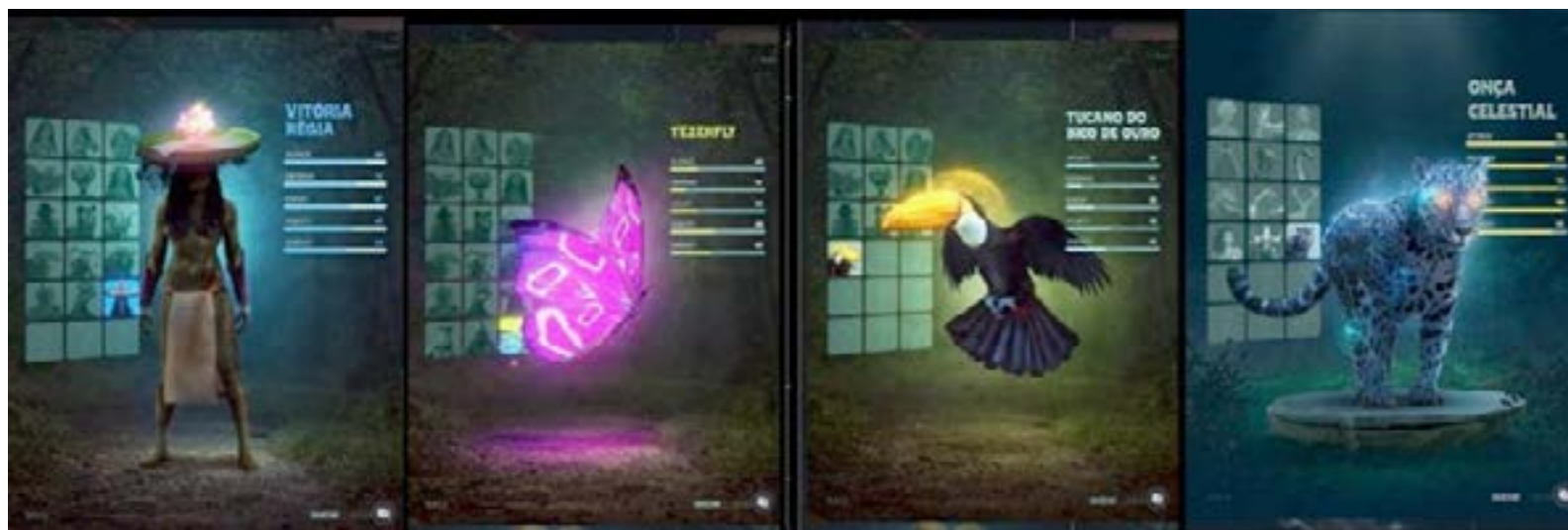


Figura 5.
Remâncio Monte,
Crypto Legends (2021).
Fonte: @cryptolegends_nft

NOTAS

1 No original: “The telegraph pole, the Christian cross, and the rifle arrived all at once for the Bororo people of Mato Grosso. The rifle of the soldier and the settler served to seize the Bororo’s land in the name of industry and progress, the cross ‘pacified’ and ‘civilized’ them, and the telegraph integrated them into the rest of the newly wired Brazilian republic in the mid-nineteenth century.¹ Some Bororo donned western clothing and moved from communal to single-family dwellings, as the priests told them to do. They learned the settlers’ language and were put to work on the construction of the national telegraph network” (Couldry e Mejias, 2019, p. ix).

2 No original: “It is certainly the case that algorithmic discrimination is only one facet of a much wider phenomenon, in which what it means to be human is called into question. What do ‘free will’ and ‘autonomy’ mean in a world in which algorithms are tracking, predicting, and persuading us at every turn? Historian Yuval Noah

Harari warns that tech knows us better than we know ourselves, and that ‘we are facing not just a technological crisis but a philosophical crisis’.⁶³ This is an industry with access to data and capital that exceeds that of sovereign nations, throwing even that sovereignty into question when such technologies draw upon the science of persuasion to track, addict, and manipulate the public. We are talking about a redefinition of human identity, autonomy, core constitutional rights, and democratic principles more broadly” (Benjamin, 2019, p. 31).

3 No original: As the jury states “Although Soon’s work serves as stern commentary on the increased role of pervasive, automated digital surveillance infrastructure in the control and erasure of dissenting voices, it also highlights the opportunity created through the combination of digital ‘breadcrumbs’ and algorithmic techniques” (Ars *Eletronica*, 2023, online).

REFERÊNCIAS

Ars Eletronica. (2023). *Breaking the silence of suppressed voices*. Disponível em: <https://ars.eletronica.art/aeblog/en/2023/07/07/breaking-the-silence-of-suppressed-voices/>.

Couldry, N. & Mejias, U. A. (2019). *The costs of connection: How data is colonizing human life and appropriating it for capitalism*. Stanford University Press.

Fanon, Frantz. (2022). *Os Condenados da Terra*. Zahar.

França, Lilian Cristina Monteiro. (2025). *Criptoartistas brasileiros: insurgências e representatividade algorítmica*. Amazilia Coral.

Kester, Grant H. (2018). *Art, Activism, and Oppositionality: Essays from Afterimage*. Duke University Press Books.

MAC/USP. (2023). “Antagonistas: resistências algorítmicas”. Exposição. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2025/antagonistas/index.html#curador>.

LILIAN CRISTINA MONTEIRO FRANÇA

Doutora em Comunicação e Semiótica – PUCSP. Atividades de Pós-Doutoramento: História da Arte – IFCH/UNICAMP; Comunicação e Informação – UFRS e Media Arts – UBI, Covilhã, Portugal. Professora Titular da Universidade Federal de Sergipe – UFS (aposentada). Pesquisadora do Instituto de Matemática, Arte e Tecnologia – São Paulo. Editora de Arte e Tecnologia da Revista da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Autora de *História do Cinema em Dispositivos Móveis – do celular ao smartphone*, semifinalista do Prêmio Jabuti Acadêmico em 2024, e *Arte Ultra Contemporânea: conceitos, artistas, mercados e tecnologias NFT* (Amazilia Coral), entre outros.